



## PROJETO NÓS PROPOMOS! MARÍLIA: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA METODOLÓGICA DE ENSINO GEOGRÁFICO NO CONTEXTO PANDÊMICO.

Isabela Vieira Gonçalves<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo relata uma experiência metodológica de ensino-aprendizagem da geografia crítica no Ensino Fundamental II, no município de Marília, no Brasil, em contexto pandêmico. Para tal, apresenta-se os princípios metodológicos da proposta aplicada onde o protagonismo juvenil é o objetivo central, visando o exercício da cidadania, como produto final de uma experiência de ensino-aprendizagem em que o estudante tem papel investigativo, visando a tríade da Pesquisa, Extensão e Educação na formação cidadã no Ensino Básico, apresentando também os desafios metodológicos, de uma lente investigativa crítica do espaço geográfico, e concretos, de falta de acesso à tecnologias de informação e comunicação nos domicílios, diante de uma educação remota no Brasil.

**Palavras-chave:** Educação geográfica crítica, Projeto Nós Propomos!, Soberania alimentar, Geografia, Ensino-aprendizagem.

**Abstracto:** En este artículo reportamos una experiencia metodológica de enseñanza-aprendizaje de la geografía crítica en la Escuela Primaria II, en la ciudad de Marília, Brasil, en un contexto de pandemia. Para ello, se presentan los principios metodológicos de la propuesta aplicada, donde el protagonismo juvenil es el objetivo central, apuntando al ejercicio de la ciudadanía, como producto final de una experiencia de enseñanza-aprendizaje en la que el alumno tiene un rol investigador, con el objetivo de la tríada de investigación, Extensión y Educación en la Formación Ciudadana en Educación Básica, presentando también los desafíos metodológicos de una lente investigativa crítica del espacio geográfico, y los concretos, de falta de acceso a las tecnologías de la información y la comunicación en los hogares, ante la educación a distancia en Brasil.

**Palabras clave:** Educación geográfica crítica, Proyecto ¡Proponemos !, Soberanía alimentaria, Geografía, Enseñanza-aprendizaje.

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela UNESP - Universidade Estadual Paulista, câmpus de Marília/ SP, e Professora do Ensino Básico do Estado de São Paulo. E-mail: isabelavieirag@gmail.com



## **Introdução**

Este artigo relata uma atividade de pesquisa e ensino-aprendizagem realizada no ano de 2020 do grupo de pesquisa CPEA - Centro de Pesquisas e Estudos Agrários e Ambientais, da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Marília, em conjunto com professores da Educação Básica pública na Escola Estadual Oracina Corrêa de Moraes Rodine, nas disciplinas curriculares de História e Geografia no 8º e 9º ano do ensino fundamental II.

O grupo de pesquisa CPEA por meio do Projeto Nós Propomos! traz a importância da formação cidadã no ambiente escolar, por isso a articulação com professores do ensino público estadual na cidade de Marília de maneira multidisciplinar. A articulação entre o Projeto Nós Propomos! com os alunos da E.E. Oracina Corrêa de Moraes Rodine se deu a primeiro momento com uma reunião entre os participantes do grupo de pesquisa ligados ao CPEA de Marília e a equipe pedagógica da escola para discutir possíveis temas a serem trabalhados no semestre, e quais seriam os recursos pedagógicos para a realização efetiva das atividades.

O tema central definido pelo grupo para ser trabalhado no ano de 2020 foi soberania alimentar, mas houve o desenvolvimento de subtemas para que assim gerasse uma articulação maior que permitisse conexões e levasse a uma compreensão complexa e efetiva do eixo central.

Esses subtemas foram segurança alimentar e nutricional, direito humano à alimentação adequada, movimentos sociais e meios de produção na agricultura, relação cidade-campo.

Para a escolha do tema fez-se necessário uma análise do Currículo Paulista, o currículo oficial da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, documento base para o desenvolvimento das ações pedagógicas na escola pública paulista, visando identificar quais conteúdos curriculares, habilidades estavam presentes no currículo e poderiam ser alcançados com o projeto Nós Propomos! na escola de Marília. Após esta análise das competências e habilidades que contemplassem o tema central do projeto, definimos a segregação socioespacial.

O Currículo Paulista define para disciplina de Geografia no Ensino Fundamental a organização dos conteúdos em cinco unidades temáticas (“O sujeito e seu lugar no mundo”, “Conexões e escalas”, “Mundo do trabalho”, “Formas de representação e



pensamento espacial” e “Natureza, ambientes e qualidade de vida”), que correspondem às habilidades que são relacionadas aos objetos do conhecimento.

Nas reuniões, elencamos habilidades referentes ao 8º e 9º ano do E.F. de cada unidade temática, que são possíveis de correlacionar com o DHAA. Mas, definiu-se para realização da segunda atividade, de forma síncrona, a habilidade “(EF08GE17) Analisar as diferenças na apropriação dos espaços urbanos, relacionando-as com os processos de exclusão social e segregação socioespacial e discutir as políticas públicas de planejamento urbano dos países latino-americanos, em especial do Brasil” (BRASIL, 2019, p. 443), correspondente a unidade temática “Mundo do Trabalho” e ao objeto do conhecimento “Transformações do espaço na sociedade urbano-industrial na América Latina”. Com base nisso, surgiu a proposta do tema “Segregação Socioespacial e hortas urbanas como projeto de desenvolvimento” para o desenvolvimento da atividade.

A ênfase em 2020 foi acompanhar as reportagens da imprensa local e regional e realizar atividades didático pedagógicas na E.E. Oracina Corrêa de Moraes Rodine, situada na região periférica da cidade. O projeto na escola foi executado com ênfase nos princípios metodológicos e realização do do Projeto Nós Propomos!, com os professores que lecionam a disciplina de Geografia para as turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II, o Prof.º Eduardo Santa Rosa, e a Prof.ª Bruna Motta, em conjunto com a coordenadora do projeto, a estudante bolsista e 9 estudantes voluntários. Apesar de todas as dificuldades impostas pelo isolamento social e suspensão das aulas presenciais em decorrência da pandemia de Sars-COV2, conhecida pelo nome da doença que provoca, a COVID-19, foi possível realizar atividades online durante todo o segundo semestre letivo.

Foram realizados cinco encontros, sendo três encontros com aulas síncronas, um sarau e uma partilha com membros de equipes pedagógicas e pesquisadores do Projeto Nós Propomos! no Brasil, assim como o professor e pesquisador coordenador geral do Projeto, Prof. Dr. Sérgio Claudino, da Universidade de Lisboa. Todos esses encontros foram compartilhados no canal da escola no Youtube.

À princípio, a equipe pedagógica da escola e o grupo de pesquisa desenvolveu em conjunto um formulário que tinha como objetivo identificar os impactos nos hábitos alimentares dos estudantes da escola durante a pandemia, que dialoga com o tema soberania alimentar. E a devolutiva deste formulário foi comentada no último encontro-



aula, a partir de todo o acúmulo de debates do tema e subtemas centrais das atividades propostas e realizadas, como por exemplo, agricultura familiar, agronegócio, movimento sem terra urbano, DHAA entre outros assuntos trabalhados.

### **O Projeto Nós Propomos! e seus princípios metodológicos**

O Projeto Nós Propomos! tem como característica metodológica a problematização local do estudante, o acesso a debate escolar sobre temas e subtemas que os circundam e uma possível solução para o problema local.

Então para chegar ao problema é necessário que a lente que observa o espaço geográfico venha carregada de percepção, indagações, pressupostos para uma investigação científica. E a partir desses princípios metodológicos que a metodologia de ensino-aprendizagem do Projeto Nós Propomos! se alinha.

Assim como presente no prefácio do livro eletrônico intitulado “Almanaque Projeto Nós Propomos! Cidadania, Escola e Protagonismo Juvenil”, no qual compila experiências de aplicação dessa metodologia de ensino-geográfico:

Metodologicamente, essa rede lança mão do estudo de caso para mobilizar as fundamentais questões que permitem um universo de explorações geográficas: onde se localiza esse problema? Por que aí está? Como surgiu e quais suas características? Quais seus impactos e como podem ser enfrentados e geridos em benefício da coletividade?

(NASCIMENTO, Maria Anezilany Gomes do, Almanaque Projeto Nós Propomos! Cidadania, Escola e Protagonismo Juvenil, 2021, p.11)

É interessante trazer à lente investigativa as reverberações de fatos históricos no espaço geográfico, nos costumes e na maneira como se ocupam esses espaços. Para tal trago uma reflexão de uma liderança indígena da nação Krenak, que atualmente sofre pela morte do Rio Doce devido à negligência empresarial do crime ambiental que ocorreu no município de Mariana, em Minas Gerais, no dia 05 de novembro de 2015. Ailton Krenak fala em uma entrevista sobre como a relação de poder em um território pode reverberar em diversas questões.



Existe uma relação tão flagrante que a primeira coisa que os salesianos fizeram quando enquadraram os Bororo – da aldeia Meruri na Barra do Garças – foi deformar o desenho daquele assentamento. Eles obrigaram os Bororo a saírem de suas casas, consideradas “promíscuas e insalubres”, pois eram feitas de palha e tinham o chão de terra. Foram obrigados a morar naquelas casas alinhadas, uma encostada na outra, porque “conservavam melhor a saúde”. Assim, separaram aquelas famílias – que são famílias extensas, e não nucleares – para que morassem em casinhas, reproduzindo o modelo de família e moradia dos colonos. Essa mudança foi tão dramática que algumas pessoas se negaram a morar naqueles bloquinhos e ficaram abandonadas; já não tinham sua aldeia, nem a nova aldeia feita pelos padres. Outros muitos adoeceram, tendo que ficar em cubículos fechados. Isso desestruturou as relações internas entre as famílias, causando muito dano. Eles atravessaram boa parte do século XX lutando para reconstituir a forma de habitação que tinham antes dos padres chegarem. São muitas situações como essa, desconfigurar o formato de moradia que constitui uma polis, onde toda a sociabilidade acontece, obrigando as pessoas a repensar como se relacionar numa nova configuração.

(KRENAK, Ailton, 8 Reações para o Depois, Riobooks, 2019, p. 10)

Trago essa reflexão acerca de um projeto metodológico de ensino-aprendizagem geográfico por acreditar na postura do ensino geográfico nas escolas públicas como uma ferramenta de retomada de poder no sentido da autonomia do pensar, a partir do momento em que a reflexão sobre o espaço geográfico inserido, e de intervenção como uma ação cidadã e de pertencimento, venha acompanhada de um senso crítico do espaço geográfico e as relações sociais de poder que se dão no mesmo, com autonomia e uma lente de mundos possíveis, um olhar transformador do agente social, assim como a proposta freiriana traz, “[...] existe na medida em que eu ou nós mudamos o presente. E



é mudando o presente que a gente fabrica o futuro: por isso, então a história é possibilidade e não determinação” (FREIRE, 1991, p. 90). Essa perspectiva transformadora freiriana se relaciona a cidadania territorial, conceito criado por Sérgio Claudino, idealizador dessa metodologia, onde relaciona a atuação cidadã diretamente ligada ao território.

O contexto pandêmico em que o Projeto foi executado, no ano de 2020, exigiu da comunidade pedagógica um movimento de apropriação das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), visto que os encontros presenciais na escola estavam impossibilitados, portanto trouxe um aspecto desafiador para comunidade escolar, seja dos profissionais da Educação quanto dos estudantes e suas famílias, visto que o acesso à internet no Brasil ainda representa desigualdades de raça, classe, e regional, mais um aspecto importante para uma educação crítica da localidade.

Segundo a Agência Nacional: “[...] uma pesquisa promovida pelo Comitê Gestor da Internet do Brasil revelou que o acesso à internet é desigual, uma vez que cerca de 90% das casas das classes D e E se conectam à rede exclusivamente pelo celular. A desigualdade de acesso à internet no Brasil se reflete também no ensino básico. O censo escolar de 2020 revelou que apenas 32% das escolas públicas do ensino fundamental têm acesso à internet para os alunos, porcentagem que chega a 65% no caso das escolas públicas do ensino médio.” (LÉON, L. P. Brasil tem 152 milhões de pessoas com acesso à internet: Dia do Internauta mostra que, apesar de amplo, acesso ainda é desigual. Agência Brasil. Brasília. 2021)

#### COLOCAR DADOS SOBRE ACESSO A INTERNET NOS DOMICÍLIOS NO BR

O Projeto Nós Propomos! está centralizado em uma perspectiva de ensino de olhares, é este seu princípio investigativo. Para onde devemos direcionar nossos olhares de forma crítica no âmbito espacial, da geografia escolar? Quais são as resoluções dos problemas encontrados por esses olhares críticos? As resoluções dos problemas encontrados vem no sentido da construção cidadã, à medida que corresponsabiliza a comunidade pelo mesmo. Por isso sua importância, em não terceirizar as responsabilidades numa





sociedade, em dar espaço à voz popular, imprescindível para o desempenho da democracia representativa em que vivemos.

O Projeto Nós Propomos começou em 2011 em Portugal, então visando essa articulação entre educação, ensino geográfico e cidadania. Chegando ao Brasil, em 2014.

É um projeto metodológico que se baseia no ensino geográfico mas até mesmo por seu caráter de espaço cidadão, a sua multidisciplinaridade é possível. Buscando romper fronteiras do ensino em fragmentos, com uma conexão entre as disciplinas para um ensino-aprendizagem efetivo. Na experiência em Marília foi feita essa multidisciplinaridade entre o ensino geográfico e histórico, mas é visível como perpassou a outras disciplinas do currículo paulista, como por exemplo no sarau, com a arte, história, geografia, filosofia, língua portuguesa.

A realização da metodologia é feita através de três etapas, sendo a primeira um estudo de campo, com observação, entrevistas, formulários e fotografias. A segunda etapa é onde é realizada a problematização do que foi observado. E a terceira, a proposta de resolução do problema.

Esse processo investigativo proporciona uma relação participativa com o local, além da aprendizagem de metodologias de investigação científica, dando ao estudante o lugar de protagonista dessa investigação. Dando sentido à práxis da educação geográfica. Fazendo com que o ensino geográfico proporcione um conjunto de aprendizagens em geografia que se utilize ao longo da vida. E a geografia como uma janela para o mundo, mas para além disso, uma forma de construir o mundo, de transformar o mundo.

Sobre a importância da localidade no ensino geográfico, (Todd W. Kenreich, 2012), é um fator importante para que se gere uma participação social, que assim seja alcançada a cidadania em seu exercício, e aí está sua importância dentro da educação geográfica. “A ciência geográfica tem de evoluir numa perspectiva humanista e crítica” (Souto, Claudino, 2004).

E essa cidadania que o Projeto Nós Propomos! busca como objetivo central é a cidadania territorial, ou seja, o sujeito participativo, em problemas espaciais, entendendo a territorialidade espacial como algo complexo, que está para além de recursos naturais, mas também os modelos de vida em um sistema capitalista que provoca inúmeras problemáticas espaciais, por fim, dando aos estudantes o protagonismo e desenvolvimento de suas competências, fazendo uma conexão com a concepção da geografia para intelectuais anglosaxônicos de conhecimento geográfico



poderoso (Powerful geographical knowledge, Lambert, David, 2019), ou seja, desenvolver o sentido do lugar enquanto lugar que é feito de intérpretes (Massey, Doreen, 2014). Então essa metodologia se conecta a Escola Anglosaxônica de Geografia, essa da geografia como conhecimento geográfico poderoso pois capacita os estudantes a raciocinar geograficamente e atuar em seu espaço com destreza.

Por ter uma preocupação prática, o Projeto Nós Propomos! têm como características descentralizar os saberes, assim como simplicidade, para que possa ser reproduzido, e flexibilidade. Essa última característica é notória em seu desenvolvimento em um contexto pandêmico de atividades remotas, com suas inúmeras limitações.

Outra dimensão metodológica é o encurtamento do ensino superior e do ensino básico, o Projeto Nós Propomos! também tem essa característica desses “dois estágios” da educação se conversarem e se aproximarem. Na nossa experiência, estudantes da graduação participaram ativamente com atividades expositivas, no chamo aqui de “encontro-aulas”, além de apresentar a Universidade como um ensino público, que ainda é muito nebuloso para cidadãos brasileiros, o acesso a ensino superior público, e seu fator de luta, de interação, como por exemplo no nosso recurso pedagógico que foi o vídeo sobre horta comunitária agroecológica em Marília que se passava na dimensão local, em que foi mostrado a dimensão de luta estudantil por um direito básico que é o de moradia, esse vídeo foi idealizado por uma das companheiras do grupo de pesquisa, Gabriela Louzada, estudante que é também moradora da Moradia Estudantil da Unesp de Marília.

### **Desenvolvimento do Projeto em 2020**

A pandemia trouxe uma marca de imprevisibilidade grande quanto a perspectivas futuras, o que nos causa uma provocação, uma busca por respostas para essa imprevisibilidade. Nesse sentido vem a suma importância da formação sólida e multifacetada da educação básica e não só, mas na formação docente também. A imprevisibilidade que rege, é uma característica não exclusiva do contexto pandêmico, mas de uma sociedade globalizada, em que as redes de informações cada vez mais têm tido uma mobilidade mais ágil.

Pensando em desenvolver as etapas metodológicas do Projeto, de maneira remota em que o trabalho de campo era incabível, a equipe CPEA trouxe as hortas urbanas





comunitárias como uma forma de resistência a segregação socioespacial, de uma desterritorialização, planejamento urbano inadequado, e desigualdade socioespacial. Assim como, uma forma de retomada da soberania alimentar e de segurança alimentar e nutricional.

Pensando na relação local e geral, trouxemos um exemplo de horta comunitária em Teresina, município do estado de Piauí, nordeste do país (geral), e um caso de uma horta comunitária agroecológica no município de Marília (local), essa vinculada a Universidade estadual paulista em que o CPEA está vinculado.

No primeiro encontro-aula, transmitido no perfil da escola no Youtube, o tema central como já dito foi “Segregação socioespacial e resistência: hortas urbanas como projeto de desenvolvimento”. Estavam presentes os professores da escola e a equipe do CPEA. Iniciou-se com a apresentação dos alunos do grupo de pesquisa, a professora coordenadora apresentando o Projeto e em seguida um espaço aberto para perguntas dos alunos da escola sobre o tema e/ou metodologia e uma proposta de atividade para ser entregue posteriormente aos professores responsáveis pelas turmas trabalhadas.

Na apresentação da coordenadora do Projeto Nós Propomos! foi feita apresentação do histórico do projeto aplicado na escola em específico, visto que no ano de 2020 foi sua terceira edição. O projeto teve início em 2017, depois em 2018 e sua terceira edição em 2020.

Nas apresentações dos alunos da graduação, esses apresentaram suas pesquisas vinculadas ao CPEA e participações com o Projeto Nós Propomos! nas escolas.

Para introduzir o tema, os alunos da graduação elaboraram um vídeo, com o recurso de draw my life, onde contextualizam a agricultura no Brasil, o agronegócio, a agricultura familiar, produção de alimentos, soberania alimentar e projetos que buscam o desenvolvimento da soberania alimentar no Brasil, trazendo como dois principais exemplos a questão das hortas urbanas e o assentamento Luiz Beltrame, na região de Marília, em Gália.

No âmbito da agricultura foi apresentado dois meios de produção dessa atividade econômica, ligados à concepção tradicional e moderna e seus direcionamento quanto a produção, o modelo de produção da monocultura ligado a latifundiários, ligados ao agronegócio, voltado ao lucro e alta produção, uma visão de agricultura industrial, onde há a mecanização do campo e cada vez mais a desterritorialidade dos povos do campo. E da agricultura familiar voltado ao abastecimento da comunidade local, retomada de



saberes, fortalecimento das comunidades rurais e populações urbanas, com entregas de cestas alimentares, por exemplo.

Esse debate tem uma articulação pontual com a soberania alimentar e segurança alimentar e nutricional.

Traçando esses assuntos, a questão atual durante a pandemia, do retorno do Brasil no “Mapa da Fome”, um levantamento realizado pela ONU (Organização das Nações Unidas) sobre a situação de insegurança alimentar no mundo, foi comentada, e sua contradição, visto que nosso país é o que mais exporta commodities, alimentos, com o agronegócio.

Para pensar em exemplos de medidas resolutivas a essas problemáticas socioambientais, foi comentado sobre grupos, organizações produtivas que visam uma produção alimentícia que vise o abastecimento alimentar em conjunto com uma visão harmônica com os recursos naturais. Um desses exemplos é a horta urbana na Moradia estudantil da Unesp de Marília, e o cultivo para autoconsumo dos seus moradores. Essa horta veio por meio de uma relação da Moradia com o Assentamento Luiz Beltrame, em Gália, ligado ao movimento social “Movimento Sem Terra”.

Após perpassados esses assuntos, o vídeo produzido pela companheira Gabriela Louzada, do grupo CPEA, foi reproduzido.

O vídeo pôde apresentar a Moradia estudantil da Unesp e a própria Universidade como moradia popular e ensino público de qualidade, respectivamente, com todo seu histórico de luta e formas de diminuir desigualdades sociais no nosso país.

Depois desse recurso pedagógico, foi feita uma espécie de roda de conversa entre os estudantes do grupo de pesquisa sobre os assuntos introduzidos no primeiro encontro-aula, assim como respostas a perguntas ao público que acompanhava a transmissão ao vivo.

A proposta de atividade desse primeiro encontro-aula foi os estudantes trazerem aos seus professores imagens que representassem o desenvolvimento na agricultura.

No segundo encontro-aula, a devolutiva da atividade proposta foi apresentada e uma exposição sobre assuntos sobre a mesma.

Foi notada na devolutiva, que quando os estudantes da Educação Básica pensavam em desenvolvimento na agricultura, pensavam na industrialização da mesma, em latifúndios e alto maquinário tecnológico.



Nessa devolutiva, em sua exposição apresentou-se uma visão crítica do desenvolvimento, onde atravessa a questão histórica do assunto, e de linguagem, em um jogo de poderes que leva a um ideário de desenvolvimento (no âmbito da agricultura) de monocultura, latifúndios, mecanização da terra, na exportação e de lucro.

Algumas provocações sobre esse modelo considerado desenvolvimentista na agricultura, foram lançadas à medida que entrelaça-se com conceitos-chaves apresentados no primeiro encontro, como soberania e segurança alimentar, foi feita uma retomada da concepção desses conceitos, para assim, prosseguir ao tema de modelos de produção como o agronegócio e de agricultura familiar e de hortas comunitárias urbanas.

Um exemplo que se contraponha a esse modelo vigente, no qual propõe a soberania alimentar e segurança alimentar e nutricional, o assentamento urbano “Nova Canaã” ou “Parque Primavera”, localizado na região de Marília em Bauru.

A questão da segregação socioespacial centraliza todos esses assuntos à medida que uma nação esteja com altas desigualdades sociais, sejam econômicas, raciais ou de gênero. A questão da vulnerabilidade social mostra seu fator essencial na distribuição habitacional, dialogando-se com a especulação imobiliária, por exemplo. Então a desigualdade social junto da segregação urbana é responsável pelo déficit habitacional nas cidades.

Apresentando-se como resistência frente a essa forma da hegemonia se apresentar, os assentamentos urbanos, que para além de produções agrícolas que são facilmente relacionados, representam luta por moradia a todos. Mais uma vez a questão de direitos universais básicos retomados por modelos alternativos frente à correntes hegemônicas.

Por isso a importância de trazer o tema de movimentos sociais dentro do tema central. No Brasil, quando se fala de movimentos sociais ligados à luta contra segregação socioespacial há uma tendência a se pensar em movimentos sociais do campo, como o Movimento Sem Terra, movimento que busca ocupar determinados territórios com intuito de desenvolver a função social da terra e a vida digna. Especificamente no caso mostrado do assentamento Nova Canaã, este está localizado na região urbana, onde diferente do movimento que se organiza por divisão de terras para produção agrícola (função social de latifúndios em desuso), busca-se uma produção de um espaço urbano construído coletivamente.



Esse assentamento teve seu histórico de luta por moradia e vida digna apresentados, e suas inúmeras problemáticas de um espaço marginalizado, ou seja de segregação socioespacial, e mesmo depois de sua ocupação a falta de políticas públicas que garantisse outros direitos humanos universais básicos que não contemplasse essas famílias. Então a construção de hortas comunitárias urbanas realizada pelos moradores do assentamento em conjunto com um coletivo político autogestionado, foi desenvolvido para que a soberania e segurança alimentar desses moradores fossem assegurados. Aqui, um exemplo de articulação popular e de resistência a ataques institucionais de despejo dessas famílias.

Devido a problemas técnicos, o terceiro encontro-aula foi sobre a temática dos conceitos de soberania e segurança alimentar, da institucionalização do direito humano à alimentação adequada no mundo, e lutas de combate à fome no Brasil em um momento histórico de crise de abastecimento e distribuição alimentar, ligados à desigualdade social.

Nesse encontro foi feita uma fala expositiva sobre esses subtemas em que visava-se a um acúmulo de debates para uma generalização que levasse uma tomada de consciência de educação ambiental no ensino geográfico.

Essa linha do tempo de sensibilização do tema, debates e desenvolvimento de conceitos-chaves, direitos universais básicos e políticas públicas que asseguram a soberania e segurança alimentar foi apresentada nesse momento expositivo juntamente da devolutiva do formulário desenvolvido entre o grupo de pesquisa do CPEA e a equipe pedagógica da escola, dialogando sempre com o acúmulo de debates realizados anteriormente.

Como uma forma de finalizar essa intervenção, foram realizados o sarau e posteriormente a partilha Nós Propomos! transmitidos no Youtube também. O sarau intitulado “Você tem fome de quê?” contou com apresentações artísticas como poesia, prosa, e dança. Em seu início foi feito uma recapitulação dessa sequência didática nas disciplinas curriculares de história e geografia, nos anos finais do ensino fundamental do ensino público brasileiro, articuladas ao Projeto Nós Propomos! integrado pelos membros do CPEA da Unesp de Marília. Uma forma cultural de se organizar característica pelo que é chamado de Slam, batalhas de rimas, poesias etc, teve uma presença majoritária nas apresentações culturais, assim como apresentações de danças



ciganas, poesia quilombola, nordestina, e de caráter de luta e resistência a um Brasil desigual.

O último encontro foi a Partilha Nós Propomos! onde foi uma forma de compartilhar saberes e experiências pedagógicas acerca dessa metodologia poderosa no ensino geográfico crítico.

### **Considerações Finais**

Em um contexto de atividades escolares remotas a aplicação da metodologia do Projeto Nós Propomos! foi desafiadora no sentido do acesso a redes de comunicação que ainda são distribuídas de forma desigual no Brasil. As limitações variam desde o âmbito pedagógico às questões materialistas em um país desigual economicamente. Isso ficou explícito nos relatos dos professores da escola básica de acessibilidade às tecnologias que proporcionam atividades remotas de educação negadas devido às condições materiais dos alunos.

Metodologicamente a perspectiva transformadora da metodologia se assemelha a uma pedagogia freiriana de protagonismo ao estudante e sua potência revolucionária no sentido de transformar o espaço geográfico, atribuída a cidadania territorial, conceito do próprio idealizador da metodologia.

A produção e aplicação de metodologias de ensino-aprendizagem, principalmente em países em desenvolvimento como o Brasil, apresenta desafios materiais, que fazem necessário uma lente holística na produção científica, junto de um olhar atento, investigativo, proporcionando que a percepção do espaço geográfico expanda para além da realidade material, mas para as relações sociais que se desenvolvem e reproduzem nesses espaços, assim como a fala de Krenak presente neste artigo, possibilitando uma educação geográfica e ambiental crítica.

As considerações da equipe pedagógica da escola foram bastante positivas, na perspectiva da participação dos estudantes, dentro das limitações materiais, e na perspectiva de unir a pesquisa, extensão e educação básica, então os estudantes do ensino básico puderam ver uma articulação entre a Universidade Pública e a Educação Básica, o que o Projeto Nós Propomos! busca em sua metodologia.

### **Referências bibliográficas**



ANDREA COELHO LASTÓRIA (Brasil). Grupo Elo (org.). **Almanaque Projeto Nós Propomos! Cidadania, Escola e Protagonismo Juvenil**. Ribeirão Preto, 2021. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/1cnWj9x8Y0AGFZ57JsB2fafJIN6BBCIS2/view>. Acesso em: 25 set. 2021.

GABRIEL KOZLOWSKI (Brasil) (org.). **8 Reações Para o Depois - 8 Reactions for Afterwards**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019. 328 p. Disponível em: [http://entre-entre.com/Content/entrevistas/pdf/1\\_AILTON-KRENAK\\_8-Rea%C3%A7%C3%B5es-para-o-Depois-20201105212233.pdf](http://entre-entre.com/Content/entrevistas/pdf/1_AILTON-KRENAK_8-Rea%C3%A7%C3%B5es-para-o-Depois-20201105212233.pdf). Acesso em: 26 set. 2021.

LÉON L. P. **Brasil tem 152 milhões de pessoas com acesso à internet: Dia do Internauta mostra que, apesar de amplo, acesso ainda é desigual**. Agência Brasil. Brasília, 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-08/brasil-tem-152-milhoes-de-pessoas-com-acesso-internet>. Acesso em: 26 set. 2021.

BOUFLEUER, José Pedro. Gnosiologia (Situação). In: STRECK, Danilo; REDIM, Euclides; ZITKOSKI, Jaime Jose (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 199-200.

Mérenne-Schoumaker, B. **Didáctica Da Geografia**. Porto: Asa, 1999.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 312

KENREICH, Todd W.. **Geography and Social Justice in the Classroom**. Towson: Routledge, 2012.

SOUTO GONZÁLEZ, Xosé Manuel; CLAUDINO, Sérgio. **Educação Geográfica e Cidadania no Século XXI. Actas do V Congresso da Geografia Portuguesa Portugal: Território e Protagonistas**. Guimarães, Universidade do Minho e Associação Portuguesa de Geógrafos, 14-16 de Outubro 2004.

Lambert, D. (2019). **Geography, capabilities and the educated person**. In E. Shin and S. Bednarz (Eds.), *Spatial citizenship education: Citizenship through geography*. London: Routledge.